

Pobreza e superação: uma análise a partir de quatro relatos de casos

nº1

FICHA TÉCNICA

Elaboração

Roberta Mélega Cortizo

Entrevistados

Carlos Henrique Santana

Hector Rocha Margittay

Marcelo Silva Oliveira Gonçalves

Vanessa Rodrigues Ferreira de Almeida

Victor Gomes de Lima

Contribuições

Caio Nakashima

Cristiane Silva de Moura

Fábio Monteiro Rigueira

Frederico Lara de Souza

Mariana Ferreira Peixoto dos Santos

Pedro Henrique Monteiro Ribeiro Ferreira

Raquel Maria Soares Freitas

Vinícius Botelho

Projeto Gráfico/Diagramação

Victor Gomes de Lima

Ministério de Cidadania
Brasília/DF | Maio/2019

Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação
Departamento de Monitoramento

Vinícius Botelho

Secretário de Avaliação e Gestão da Informação

Caio Nakashima

Diretor de Monitoramento

Mariana Ferreira Peixoto dos Santos

Coordenadora-Geral de Acompanhamento de Programas

Raquel Maria Soares Freitas

Coordenadora-Geral de Produção de Indicadores

Equipe técnica do Departamento de Monitoramento:

Cristiane Silva de Moura

Eduardo Antonio Queiroz Silva

Fábio Monteiro Rigueira

Frederico Lara de Souza

Luisa Oliveira Sousa

Pedro Flach Romani

Pedro Henrique Monteiro Ribeiro Ferreira

Roberta Pelella Melega Cortizo

Vanessa Rodrigues Ferreira de Almeida

Viviane de Almeida Silvestre



1. INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre a necessidade de políticas públicas para proporcionar oportunidades aos cidadãos de baixa renda¹, mas pouco se sabe sobre o papel das oportunidades para a efetiva inclusão social dessas pessoas. Há quem atribua o êxito de um indivíduo às políticas públicas que foram por ele acessadas; outros destacam quase que exclusivamente o mérito individual.

Este trabalho busca contribuir para a discussão por meio do relato de trajetórias de superação de quatro profissionais que hoje trabalham justamente com políticas sociais na SAGI – Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério da Cidadania:

- **Marcelo Gonçalves**, 36 anos, é filho de D. Maria Aparecida, que trabalhava como empregada doméstica e acalentava o sonho de ver o filho na faculdade; hoje Marcelo integra uma das carreiras mais concorridas da administração pública federal e já atuou na formulação de diversas políticas sociais.
- **Hector Margittay**, 21 anos, é beneficiário do Bolsa Família, foi premiado com quatro medalhas nas Olimpíadas de Matemática e hoje desenvolve sistemas de informação do Ministério.
- **Vanessa Almeida**, 34 anos, trabalhava a dez anos atrás como garçone e atualmente é analista de *Business Intelligence*, responsável pela mineração de dados estratégicos do Ministério.
- **Victor Lima**, 23 anos, começou a trabalhar aos 16 anos como estagiário por intermédio da mãe dele, copeira do Ministério, formou-se em *Design* e hoje cria projetos gráficos e elabora telas de ensino a distância para cursos voltados a gestores públicos.

Há pontos de convergência nas trajetórias da Vanessa, Marcelo, Victor e Hector, ou são apenas casos singulares de sucesso, sem replicabilidade para outros contextos? O que fez uma profissional que trabalhava servindo café, mãe de dois filhos, virar uma especialista em *Big Data*, trabalhando diariamente com bases de mais de 130 milhões de registros? Qual o papel do mérito individual e das oportunidades nesse contexto? Ou ainda, como o economista Ricardo Paes de Barros questiona²: *“como discutir o mérito de quem chegou em primeiro lugar em uma corrida onde as pessoas saíram em tempos diferentes e a distâncias diferentes? Não faz nenhum sentido discutir o mérito em uma regata na qual os barcos não são iguais, ou em uma corrida de Fórmula 1 em que não se está sujeito ao mesmo regulamento”*.

Mérito é um termo usado com múltiplos sentidos, podendo estar associado à ideia de: (a) talento, habilidades inatas; (b) esforço individual, empenho para atingir um objetivo; ou ainda, (c) recompensa por merecimento. Esse trabalho não irá se deter nessa discussão

¹ PAES DE BARROS e MENDONÇA, 2000a; SIQUEIRA, 2016; DOUGLAS, 2016; SAGI, 2018, APPIAH, 2018.

² Entrevista concedida ao jornal Valor Econômico em 02 de fevereiro de 2016.

conceitual nem em revisões bibliográficas sobre o tema: será assumido provisoriamente que mérito é uma combinação de habilidade inata, esforço e merecimento. Ao longo do texto, os próprios entrevistados responderão o que entendem por mérito, de acordo com suas experiências pessoais. Mais do que defender alguma posição ideológica ou acadêmica, pretende-se com esse artigo dar voz a quem vivenciou concretamente a superação. Cabe ressaltar que esse trabalho também irá passar ao largo da discussão sobre meritocracia³. Além disso, o conceito de oportunidade será utilizado de forma bastante abrangente, referindo-se à participação em políticas, programas ou iniciativas – públicas ou privadas – que apoiam, em algum grau, a inclusão social.

Nesse sentido, o objetivo desse texto é simples: discutir os fatores desencadeantes para a superação à luz dos relatos generosamente concedidos por Marcelo, Hector, Vanessa e Victor. Está dividido em seis partes além desta introdução: as próximas quatro seções apresentam os casos individuais; na sequência são analisados pontos de convergência entre as trajetórias, e a última seção traz considerações gerais sobre o tema.

2. MARCELO GONÇALVES⁴

Desde 2005, Marcelo Gonçalves faz parte de uma das carreiras mais cobiçadas do Poder Executivo Federal: é especialista em políticas públicas e gestão governamental. Passou neste concurso com apenas 22 anos, e desde então tem trabalhado com políticas relacionadas a segurança alimentar, promoção de igualdade racial, trabalho e inclusão social.

Tendo regressado ao Brasil no ano passado, após concluir o mestrado nos Estados Unidos, ninguém imaginaria que Marcelo teve que superar tantos obstáculos para ser quem ele é hoje. Fruto de um casamento interracial – a mãe negra e o pai branco –, Marcelo se considera negro. Ainda menino, sua mãe lhe alertou: “você precisa se esforçar mais porque a vida vai ser mais difícil pra você”. O sonho de D. Maria Aparecida era ver o filho diplomata, algo bem distante do contexto em que eles viviam na cidade satélite de São Sebastião, a 20 km do centro de Brasília. Por que diplomacia? Porque ela trabalhava na casa de um diplomata, e se espelhou naquele ambiente para almejar o destino do próprio filho.

Marcelo foi alfabetizado em casa, pelos pais. Em São Sebastião o ensino era precário, com apenas duas horas de aulas por dia (para atender à demanda saturada de alunos).

3 Interessante destacar que o termo meritocracia foi criado com um sentido pejorativo pelo cientista social Michael Young no livro *The Rise of the Meritocracy*, em 1958. Situado em um futuro distópico, o livro busca alertar a sociedade sobre os perigos de tentar mensurar capacidades específicas – no caso, esforço e QI – para determinar a posição que cada indivíduo ocupa na sociedade, criando um ambiente distorcido e situações desumanas para os indivíduos rotulados como “sem mérito” (APPIAH, 2018). Aproveitamos para agradecer a Marcelo Gonçalves pela referência a Michael Young durante a entrevista concedida à autora deste texto.

4 Entrevista concedida em 12 de abril de 2019.

A fim de conseguir um ensino de melhor qualidade, D. Maria Aparecida passou horas em filas durante a madrugada para matricular o filho na escola do Lago Sul – Marcelo guarda a lembrança da mãe tendo que voltar seis vezes à escola para levar todos os comprovantes exigidos e assim garantir a vaga do filho.

Marcelo logo reparou que as crianças da vizinhança que permaneceram na escola de São Sebastião gradualmente ficaram para trás, com disciplinas e tarefas muito aquém do que ele estava estudando. Essa percepção de Marcelo reforça um ponto colocado por Ivan Siqueira, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP): *“Como reiterar essa legitimidade meritocrática na comparação entre realidades afortunadas e outra cuja escola exhibe infraestrutura inadequada, salas com excesso de alunos, pouca atividade extracurricular, ausência de bibliotecas de qualidade e bibliotecários, professores sem remuneração adequada, desestímulos e péssimas condições de trabalho?”*⁵

D. Maria Aparecida ganhava um salário mínimo como empregada doméstica e Seu Geraldo, pai de Marcelo, se alternava entre o trabalho de mestre de obras e de caminhoneiro⁶. Como em muitos lares brasileiros, a renda da família de Marcelo era bastante volátil: quando o caminhão quebrava, os cinco integrantes da família tinham que fechar o mês com o salário de Maria Aparecida. Márcio e Eliene – irmãos mais velhos de Marcelo – começaram a trabalhar cedo, por volta dos 15 anos, para dar um pouco mais de segurança ao orçamento doméstico. Por ser o filho caçula, Marcelo foi protegido dessa situação, podendo se dedicar exclusivamente aos estudos enquanto os irmãos trabalhavam em atividades como telefonista e feirante. Seu Geraldo construiu alguns quartos para alugar no fundo do lote em que moravam, contribuindo com isso para uma renda mais estável na família. Apesar de todas essas limitações, Marcelo lembra que tinha boas condições de vida para o contexto social em que estava inserido: não passava fome e tinha uma moradia fixa. Ou seja, não estavam em uma situação de risco, apesar de viverem em um patamar de baixa renda.

Para desenvolver o hábito de estudar no filho, D. Maria Aparecida propôs um acordo: depois do almoço, que Marcelo arrumasse a cozinha e estudasse por 15 minutos, e depois poderia passar o resto da tarde jogando futebol. Marcelo concordou – tinha cerca de 11 anos. Aos poucos, foi envolvido pelos estudos, saindo para jogar bola cada vez mais tarde. Os irmãos mais velhos de Marcelo também o apoiaram constantemente, estava claro para todos da família que a melhor forma de superar a pobreza era por meio da educação. A outra face do apoio era a permanente cobrança para ele se dedicar aos estudos.

Em alguns momentos, Marcelo relutava em estudar, questionava se não seria perda de tempo se dedicar a matérias tão distantes de sua realidade. De um modo inusitado, Seu Geraldo também estimulou os estudos no filho: em uma manhã de sábado,

5 SIQUEIRA, 2016.

6 D. Maria Aparecida e Seu Geraldo foram agricultores familiares em Minas Gerais durante a primeira infância de Marcelo, chegando em Brasília quando ele tinha cerca de oito anos.

levou Marcelo para carregar um caminhão com areia – eles passaram praticamente o dia inteiro enchendo o caminhão apenas com duas pás. Marcelo terminou o dia exausto, dolorido, sem forças. No caminho de volta para casa, Seu Geraldo apenas comentou: “Carregar livro é mais leve, né Marcelo? Então, essa é a vida de quem não estuda, todo dia assim”.

De religião protestante, D. Maria Aparecida sempre dizia aos filhos que não podiam depender de pastor para ler as escrituras, que é importante estudar por conta própria. Marcelo analisa hoje que a religião ajudou a inculcar nele uma disciplina para estudar, delineando um horizonte, um rumo a seguir.

Marcelo avalia que por volta dos 14 anos “virou alguma chave interna”, passando a estudar cada vez com mais afinco. Quando fez 15 anos sua mãe faleceu. Era hora de ir para o colegial (atual Ensino Médio), e ele soube que havia uma escola pública com ensino mais forte na Asa Sul. Marcelo fez então o que D. Maria Aparecida faria se estivesse viva: se plantou na escola até conseguir a vaga almejada. A tenacidade da mãe, com ações concentradas para a superação de obstáculos, já estava arraigada em Marcelo.

Como a vizinhança era muito barulhenta, Marcelo adotou por algum tempo uma rotina incomum para conseguir o silêncio necessário aos estudos: dormia às oito da noite e acordava às três da manhã para estudar, quando todos já estavam dormindo e não havia mais música alta, cantos de igreja, conversas de bar, nem buzinas de caminhão para desconcentrá-lo. Inserido em uma rotina desgastante, dormindo quando a vizinhança se reunia à noite e acordando quando todos dormiam, Marcelo sentiu intenso desgaste físico e mental de viver no contraturno.

Marcelo também se deu conta do preço de morar tão distante: ele gastava cerca de três horas por dia com deslocamento para estudar, enquanto todos os seus colegas moravam próximo à escola. Por isso, ele também tinha que se esforçar mais, havia sempre um hiato social a ser superado: para estudar em uma escola de melhor qualidade, para ter chance de passar no vestibular, para conseguir um emprego que o tirasse da periferia. Como ele mesmo disse, “a distância de 15 km é um abismo”.

Relembrando sua trajetória, Marcelo avalia que um elemento importante foi ter internalizado muito cedo a importância da dosagem das coisas. D. Maria Aparecida começou pedindo 15 minutos de estudos diários e com isso desenvolveu uma cultura de estudar no filho. O próprio Marcelo gradualmente aumentou esse tempo, à medida que observava os resultados que obtinha se dedicando mais. Com isso, Marcelo criou métodos para estudar, estratégias para vencer as inúmeras barreiras que teve que transpor.

Até aqui, observam-se duas constantes na vida de Marcelo. Em primeiro lugar, o mérito, que ele define como “o que você faz com o que você tem na sua frente”, isto é, com as condições dadas, o esforço, o compromisso dele em estudar, o horizonte apontado para uma formação superior. Em segundo lugar, um ambiente familiar que, embora

com muitas privações materiais, trazia um estímulo constante para Marcelo estudar, para não reproduzir a pobreza histórica da família. Marcelo analisa seu contexto de origem como um ambiente familiar funcional, sem violência nem grandes atritos, com viés religioso, que valorizava muito os estudos e o desenvolvimento individual.

Como naquela época ainda não estavam amplamente difundidos o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)⁷ nem ações afirmativas mais robustas, Marcelo sabia que só teria chance de ter formação superior se ingressasse em uma universidade pública, e focou em passar no curso de Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB). Conseguiu passar na última vaga disponível – e logo procurou tudo o que a universidade oferecia para aproveitar essa oportunidade.

Na universidade, Marcelo sentiu-se verdadeiramente um estranho no ninho: a maioria dos alunos era branca, de uma condição socioeconômica bem mais favorável que a dele. Muitos colegas ganharam carro dos pais porque entraram na faculdade, enquanto a família inteira do Marcelo tinha um Monza antigo. Logo nos primeiros dias de aula, ficou evidente para Marcelo que ele não competiu de igual para igual para passar no vestibular.

Muitas oportunidades surgiram após entrar na UnB: “o seu mundo abre, a universidade te leva para um novo universo”, nas palavras de Marcelo. O PET – Programa de Educação Tutorial⁸ – teve um papel fundamental, pois ao mesmo tempo ajudava no orçamento e melhorava a formação de Marcelo, por meio do pagamento mensal de bolsa no valor de cerca de um salário mínimo para os alunos participarem de diferentes linhas de pesquisa. Após um processo seletivo concorrido, ingressaram no PET alunos com bom desempenho escolar, pertencentes a diferentes anos e disciplinas – uma riqueza de experiências para Marcelo, que frisa essa questão: em apenas seis meses, ele saiu da condição de último aluno a passar no vestibular no curso de Ciência Política para a situação de ser um dos estudantes selecionados para integrar o PET, uma espécie de elite universitária.

Com uma renda garantida, mesmo que pequena, Marcelo tomou a decisão de alugar um quarto próximo à UnB, para não ter que gastar aquelas desgastantes três horas por dia com deslocamento. Nessa época, Marcelo já tinha assimilado a condição de ser um estranho no ninho, a ponto de ouvir com curiosidade uma colega da universidade comentar: “seu português é muito bom, não consigo identificar de que país você é”. Ao esclarecer que era brasileiro, uma realidade incômoda foi evidenciada: naquela época os alunos da UnB conviviam com alunos negros de países africanos, mas era muito raro alunos negros brasileiros estudarem na UnB.

7 O Enem tem o objetivo de avaliar o desempenho de alunos que estão concluindo ou que já concluíram o Ensino Médio, sendo utilizado como critério de seleção para estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Além disso, cerca de 500 universidades usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo o vestibular (informações extraídas de: <http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>).

8 O PET é um programa acadêmico para alunos de graduação. Principais objetivos: aprimorar o ensino de graduação, ampliar a formação acadêmica do aluno, fomentar a interdisciplinaridade e a execução, em grupos sob tutoria, de um programa diversificado de atividades acadêmicas (informações extraídas de: <http://www.deg.unb.br/pet>).

Marcelo entrou para a Associação de Alunos de Baixa Renda da UnB, o que lhe proporcionou novas oportunidades, tais como participar de concursos como fiscal de prova, atividade concorrida por ser considerada bem remunerada (cerca de 1/3 de salário mínimo por dia de prova). O raciocínio econômico era uma constante na vida de Marcelo, tendo que dosar todos os custos no orçamento diminuto com que vivia.

Ao longo dos anos, Marcelo se afastou da igreja, começou a questionar as certezas estabelecidas nas escrituras, o que gerou crises de ansiedade nele. A resposta para isso foi mais estudo, mais dedicação. Elegeu a UnB como sua segunda casa: mesmo quando não tinha que assistir aulas, frequentava a biblioteca para estudar, permanecendo no campus das 8 da manhã às 11 da noite. Era um ambiente que estimulava o conhecimento sem exigir muitos recursos financeiros: ele gastava 50 centavos para almoçar no Restaurante Universitário, por exemplo.

No último ano da faculdade, conseguiu uma bolsa do Instituto Rio Branco para alunos negros que desejam ingressar na carreira diplomática. Marcelo nunca tinha tido a oportunidade de investir tanto na própria formação: ele recebeu R\$ 25 mil para gastar exclusivamente com educação por dez meses. Foi um período extremamente produtivo, em que Marcelo contratou professores particulares, comprou dezenas de livros e se dedicou a outros idiomas (inglês e francês).

Atendendo ao antigo sonho da mãe, Marcelo fez a prova do Itamaraty, mas não conseguiu administrar bem o tempo, deixando várias questões incompletas. Entendeu que não adiantava apenas saber a matéria, era preciso saber fazer provas de uma forma mais sistemática. Foi admitido no mestrado, o que deu um pouco de tranquilidade financeira para se aprofundar nos estudos com a bolsa recebida.

Em 2005, fez o concurso para gestor público do Poder Executivo Federal – embora tenha sido desestimulado por professores por ser uma prova muito concorrida. Mais preocupado em treinar para o exame do Instituto Rio Branco do que em passar nesse concurso, Marcelo fez a prova com método, dosando bem todas as matérias, de olho no tempo. Para sua grande surpresa, foi aprovado em 7º lugar. O primeiro contracheque do Marcelo como gestor causou assombro na família: o valor era maior que a soma do salário do pai e dos dois irmãos.

Embora o sonho de D. Maria Aparecida de ver o filho diplomata não tenha se concretizado literalmente, ele foi um guia condutor para Marcelo se enxergar em outro contexto: “quando menino, eu me imaginava diplomata”. Observando hoje, com a distância de quase vinte anos dos fatos passados, Marcelo avalia quanta disciplina foi necessária para ver algo adiante, quando tudo parecia tão difícil: “senão não faz sentido passar por essa dor – você tem que passar por muita dor e ter um contexto específico para curar essa dor”.

Quando visita São Sebastião, Marcelo às vezes é informado sobre amigos de infância que foram assassinados: mais de dez que conviviam com ele, e dois que nunca mais viu (“o que não costuma ser bom sinal”, ele diz cabisbaixo). Os investimentos feitos com estudos não eram palpáveis à época, apareceram apenas muito mais tarde: “é difícil transmitir para um rapaz da periferia que o investimento que ele tem que fazer é estudar biologia, quando tudo aponta no sentido contrário”, pondera Marcelo. Muitos garotos buscavam ter respeito por meio do pertencimento a gangues, por exemplo.

Ao observar os amigos que ficaram em São Sebastião, Marcelo sente reforçada sua condição de exceção: “saí da força gravitacional. As pessoas que permaneceram em São Sebastião seguiram o curso natural das próprias vidas”, reflete. Como Marcelo destaca, isso não significa que ele tenha uma capacidade sobrenatural, apenas que ele é uma exceção. Sobre essa questão, o juiz William Douglas – que no passado foi contra cotas universitárias para negros e atualmente é a favor – faz a seguinte reflexão: *“ter acesso a estudo sendo pobre é um problema (que já vivi), mas ser pobre e negro gera um problema bem maior ainda. Claro que alguns negros pobres conseguem, mas isto apenas mostra seu heroísmo, e não acho que temos que exigir heroísmo de cada menino pobre e negro deste país.”*⁹

Como fazer com que a trajetória do Marcelo deixe de ser exceção? Que não exija atos heroicos por anos a fio para conseguir uma efetiva inclusão social? No encerramento da entrevista, Marcelo dá duas pistas, baseadas na própria vivência. Em primeiro lugar, é importante criar um novo imaginário nas crianças, incutir o sonho de estar em uma situação diferente, relacionada ao sucesso da vida comum: ter um trabalho decente, com satisfação pessoal, e não virar uma celebridade com pouco esforço, por exemplo. Aos dez anos, Marcelo já tinha incutido nele o sonho de ser diplomata. As opções mais populares no imaginário de sua infância em São Sebastião – virar jogador de futebol, pagodeiro – apenas afastam as outras perspectivas que exigem dedicação aos estudos. Para Marcelo, é importante criar uma imagem do que você pode ser e construir isso de forma realista, conforme as possibilidades reais. As políticas públicas teriam capacidade para apontar esse imaginário nas crianças, de acordo com as habilidades/interesses de cada um?

Por fim, Marcelo ressalta a necessidade de criar meios para desenvolver a cultura de estudar nas crianças que moram nas periferias, em um espaço sadio (com silêncio, cadeiras confortáveis, banheiros limpos, temperatura adequada, água potável). Por exemplo, disponibilizar salas de estudos bem equipadas nas localidades mais vulneráveis, perto de restaurantes comunitários e outros equipamentos públicos que forneçam algum tipo de apoio às crianças que desejam estudar: “o investimento em educação é de longo prazo, não há espaço para imediatismos”, pondera Marcelo.

Na sequência, será relatada a história de Hector, tetracampeão das Olimpíadas de Matemática e pertencente a uma família beneficiária do Programa Bolsa Família.

9 DOUGLAS, 2016.

3. HECTOR MARGITTAY¹⁰

Hector Margittay é beneficiário do Programa Bolsa Família e já acumula as seguintes conquistas com apenas 21 anos de idade:

- Aluno do programa para superdotados do Distrito Federal
- Tetracampeão das Olimpíadas de Matemática
- Vencedor do concurso de redação do jornal Correio Braziliense
- Aprovado em três vestibulares da UnB
- Estagiário desenvolvedor de sistemas no Ministério da Cidadania

Aos cinco anos, Hector foi encaminhado pelo pai, Seu George, ao programa para crianças com altas habilidades do Governo do Distrito Federal – as chamadas salas de recursos, que oferecem aulas multidisciplinares no contraturno da escola regular. Hector frequentou as salas de recursos dos 5 aos 13 anos, e lembra de atividades como montar kits de robótica e solucionar desafios de matemática.

Hector relata que o pai, que trabalha como eletricitista, estimulou-o a desenvolver suas habilidades desde a mais tenra idade. Aos seis anos, teve curiosidade por dobraduras de papel, e logo ganhou um livro que ensinava a fazer origamis – *hobby* que cultivava até hoje. Assim como Marcelo, foi alfabetizado em casa pelos pais.

Estudou em escola pública no Núcleo Bandeirante, a 15 km do centro de Brasília. Como a 1ª série estava muito fácil para ele, fez uma prova específica e pulou para o ano seguinte. Na 5ª série, Seu George conseguiu uma bolsa para Hector aprender francês, idioma que estudou por quatro anos, além de frequentar aulas de música. Aos dez anos, Hector foi premiado com a primeira medalha nas Olimpíadas de Matemática¹¹.

Após a separação dos pais, Hector mudou de casa e passou a frequentar escola de outra localidade, com ensino de pior qualidade. Nessa época, ele morava com a mãe, D. Eva, e seus dois irmãos menores. Como nessa escola não havia a prova das Olimpíadas de Matemática, Seu George pediu a transferência do filho para outra instituição, com ensino mais forte.

Hector conseguiu seu primeiro computador por ter vencido um concurso de redação do jornal Correio Braziliense: “Leia e Escreva Seu Futuro”. Ele preparou um texto sobre como imaginava que seria Brasília dali a 50 anos: os carros seriam substituídos por bicicletas e os arquitetos moldariam árvores para servir de estrutura para as casas. Hector recebeu o 1º prêmio para sua série escolar, e com isso teve seu próprio *laptop*.

¹⁰ Entrevista concedida em 17 de abril de 2019.

¹¹ A Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) busca identificar talentos em ciências exatas nas escolas públicas brasileiras. A OBMEP é realizada em 99% dos municípios brasileiros e, a cada edição, recebe cerca de 18 milhões de inscrições de alunos de 47 mil escolas – uma iniciativa coordenada pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA).

Além disso, o concurso concedeu uma bolsa integral de estudos de inglês por dois anos (e Seu George conseguiu que o filho estudasse por mais um ano sem ter que pagar as mensalidades, que eram proibitivas para eles).

Quando fez 12 anos, escolheu morar com o pai e voltou a estudar na escola do Núcleo Bandeirante. No mesmo ano, Hector ganhou medalha de ouro nas Olimpíadas de Matemática, e ao completar o Ensino Médio já tinha recebido quatro medalhas (uma de ouro, duas de prata e uma de bronze) e duas menções honrosas.

Por ser medalhista das Olimpíadas de Matemática, Hector fez parte do PIC – Programa de Iniciação Científica, que oferecia uma bolsa mensal do valor de R\$ 100 e aulas de matemática aplicada na UnB, o que o ajudou a ampliar seus horizontes – como, por exemplo, geometria analítica. Hector economizou o dinheiro da bolsa para comprar um computador melhor, mais potente que o que tinha recebido como prêmio no concurso de redação. E com esse novo computador começou a fazer programação de jogos.

Quando concluiu o Ensino Médio, Hector prestou o Enem e passou em Ciência da Computação da UnB, mas não gostou muito do curso, pois lhe pareceu teórico demais. Prestou um novo vestibular, e entrou no curso de Letras Japonesas da UnB, por gostar dos ideogramas e da cultura japonesa. No entanto, Hector também não se identificou com esse curso: segundo ele, parecia muito direcionado para ser professor de japonês, e ele ansiava por algo diferente disso.

Nessa mesma época, a SAGI fez um cruzamento exploratório de dados e identificou quase mil jovens medalhistas das Olimpíadas de Matemática que eram beneficiários do Bolsa Família¹²: 93 de ouro, 234 de prata e 961 de bronze¹³. Hector é um dos 21 tetracampeões identificados nos batimentos realizados.

Em meados de 2018, o Departamento de Gestão da Informação da SAGI entrou em contato com os jovens medalhistas beneficiários do Bolsa Família que moravam em Brasília e arredores para sondar o interesse deles em fazer um estágio para desenvolvimento de sistemas. Hector foi um dos rapazes que se interessaram pela vaga, e começou a trabalhar na SAGI em agosto/2018.

Hector confessa seu temor no primeiro dia de estágio de que o trabalho na administração pública fosse maçante, burocrático. Passados oito meses, hoje ele reconhece que vive o oposto disso: segundo ele, o ambiente é acolhedor, estimula a criatividade e a colaboração. No estágio, ele voltou a programar, aprendendo novas linguagens e ferramentas. Carlos Santana, coordenador-geral de Inteligência Informacional na SAGI, orientou Hector a buscar assuntos que o interessassem e sugeriu que ele conhecesse o Catálogo de Ferramentas da SAGI. Hector queria refazer visualmente o

¹² O cruzamento realizado abarcou sete edições das Olimpíadas de Matemática, de 2011 a 2017.

¹³ SAGI, 2018

catálogo, para isso estudou HTML, CSS e Java Script. Segundo Carlos, Hector começou o estágio fazendo perguntas muito simples, tais como: “o que é uma variável? O que é um *update*? E um *insert*?”. Para fazer páginas dinâmicas, ele teve que aprender PHP e SQL. Em cerca de três semanas, Hector apresentou as páginas do catálogo prontas, refeitas por ele. “Conhecendo agora a história do Hector, eu entendo porque ele foi tão rápido e produz coisas tão bacanas. Ele não tinha conhecimento específico, mas tem muito talento”, reflete Carlos. As habilidades de Hector frutificaram em um ambiente dinâmico voltado à gestão da informação, que não apenas programa sistemas, mas busca trazer soluções de inteligência.

Notando a rapidez no aprendizado de Hector, Carlos lhe deu uma nova tarefa, mais ousada: construir o SGC – Sistema de Gestão de Capacitações, encomenda feita pelo Departamento de Formação e Disseminação da SAGI para gerenciar os cursos ofertados nas três esferas de governo sobre programas sociais do Ministério. Com as linguagens de programação que Hector aprendeu, ele entregou o primeiro módulo do sistema após três meses de trabalho, e a equipe de capacitação da SAGI já tem utilizado o sistema para monitorar a oferta de cursos. Carlos pondera: “o propósito do estágio é justamente esse: identificar quem tem aptidão, orientar e construir junto”.

Como Hector tem respondido bem às demandas, Carlos o encaminhou para trabalhar na reestruturação de autenticação dos sistemas da SAGI. Novamente empregado com programação, no início de 2019 Hector decidiu deixar Letras Japonesas e fez novo vestibular, entrando para Licenciatura em Computação da UnB, um curso que poderia frequentar no período noturno sem prejudicar o estágio. Segundo Hector, o estágio ensina mais que as aulas na universidade, mas hoje entende que é importante ter essa formação de base. Recebendo cerca de R\$ 500 por mês, ele já ajuda em casa com a bolsa de estágio.

E o que é mérito para Hector? “O que consegui conquistar com as Olimpíadas, o concurso de redação, as três vezes que passei no vestibular – tudo isso me abriu para essa oportunidade de estágio”. Com um olhar tímido, comemora: “recuperei a satisfação em programar, em criar algo novo”.

Na próxima seção, será narrada a história de vida de Vanessa, ex-garçonete e atual especialista de *Business Intelligence* no mesmo Ministério em que servia água e café.

4. VANESSA ALMEIDA¹⁴

“Estudar é coisa de vagabundo, para conseguir ser alguém na vida é preciso trabalhar pesado” – Vanessa cresceu ouvindo o pai falar isso para ela e para o irmão mais velho. Foi em um ambiente familiar abusivo, com violência doméstica e trabalho infantil, que Vanessa começou a se desenvolver para ser quem é hoje: a única analista senior de *Business Intelligence* do Ministério da Cidadania.

Marceneiro, o pai mantinha uma ameaça recorrente: “se reprovar, tiro da escola para trabalhar”. Quando o irmão tinha 14 anos, não passou de ano e foi obrigado a deixar a escola para ajudar o pai na marcenaria, atividade que exerce até hoje. A mãe de Vanessa, que trabalhava duro como empregada doméstica, não interveio, apenas aceitou a decisão do marido. Vanessa sempre gostou de estudar, mas passou a infância sob a ameaça de ser retirada da escola a qualquer descuido dela. Também não tinha os livros didáticos. Seu único incentivo para estudar era o passe estudantil, as passagens de ônibus para ir à escola. A fim de seguir melhor as lições do dia, Vanessa criou uma estratégia: a cada dia decidia se voltaria andando na ida ou na volta à escola, para economizar 50 centavos do passe estudantil e pedir o livro de algum colega emprestado para xerocar as páginas com as aulas do dia. Nos dias de hoje, como mãe de dois filhos, Vanessa faz questão de comprar pessoalmente o material escolar de seus filhos, para que eles não passem pela privação que ela passou.

Quando era um pouco mais crescida – cerca de nove anos – já tinha diversas obrigações domésticas: depois da escola, devia limpar a casa, cozinhar para o dia seguinte e ainda ajudar na marcenaria da família. Não tinha mais tempo para brincar e, de vez em quando, precisava disfarçar hematomas para ir à escola. Vanessa sempre viveu em Taguatinga Areal, a 25 km do centro de Brasília.

Uma primeira oportunidade apareceu quando Vanessa tinha 15 anos: uma tia – que era servidora pública – avisou-a de uma vaga para fazer estágio, no gabinete de um dos ministros do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Vanessa nunca tinha tomado ônibus para um lugar tão distante de casa, vestiu suas melhores roupas e chegou para a entrevista de emprego com duas horas de antecedência. Conseguiu a vaga, e na sequência teve que abrir conta em banco, tirar Carteira de Trabalho, usar computador. “Lá eu descobri o mundo, as pessoas me respeitavam, não era como em casa”, lembra Vanessa. Ficou no estágio até se formar no Ensino Médio, aprendeu um pouco de tudo: auxiliava a secretária do ministro a despachar processos, fazia diversos trabalhos administrativos. Mais que tudo, ela ressalta que aprendeu nesse primeiro estágio a ter postura no trabalho, com o profissionalismo que observou no gabinete do ministro.

14 Entrevista concedida em 02 de maio de 2019.

Mesmo nessa fase – em que estudava de manhã e estagiava à tarde – tinha que cumprir todos os afazeres domésticos à noite: arrumar a casa, fazer comida para o dia seguinte. Chegava a chorar de tanto cansaço, ia para o quarto à meia-noite para fazer as lições da escola. Uma ocasião, o irmão reclamou com o pai que a luz no quarto de Vanessa atrapalhava-o de dormir, e o pai removeu a lâmpada do quarto dela. Ela passou a estudar com as brechas de luz que encontrava a fim de não prejudicar o sono do irmão, que já não estudava mais, tampouco era obrigado a fazer qualquer trabalho doméstico, se limitando a seguir o destino do pai na marcenaria.

Quando concluiu o Ensino Médio, teve que encerrar o estágio. Já havia uma possibilidade de trabalho em um escritório de advocacia quando ela teve que passar por um procedimento cirúrgico para remover um cisto no ovário. Nessa época, Vanessa já namorava Ronei, seu futuro marido, que trabalhava com comércio de carros. Pouco depois, engravidou e teve que abrir mão de trabalhar fora de casa. Aos 18 anos, casou e saiu da casa dos pais. Aos vinte anos, engravidou do segundo filho. Enquanto cuidava das crianças, vendia cosméticos em casa, mas queria voltar a estudar, a trabalhar. Relembrando essa época, ela conta que já percebia que a dependência econômica que ela tinha do marido gerava desequilíbrios na relação conjugal, queria ter sua autonomia financeira.

Em 2009, Vanessa pleiteou uma vaga em uma empresa que prestava serviços ao governo com funcionários de apoio – garçons, recepcionistas, vigias. Um trabalho de meio período, enquanto as crianças estavam na escola. Conseguiu emprego de garçoneiro no Ministério do Desenvolvimento Social e ficou impressionada com o que viu naquele ambiente de trabalho. Tudo parecia tão sério, tão importante, que despertou nela o desejo de fazer parte daquilo – tratava-se da área de sistemas do Cadastro Único para Programas Sociais. Vanessa perguntou para uma recepcionista com o que aquele pessoal trabalhava, recebeu a seguinte resposta: “TI”. Nunca tinha ouvido essa expressão, foi buscar em uma *Lan House* o que era aquilo. Dentre as possibilidades que apareceram na tela, se interessou em estudar sistemas, por parecer mais factível, sem exigência de uma matemática tão pesada.

Se o marido suspeitava que ela não iria aguentar combinar a rotina do emprego de meio período e o trabalho doméstico, ele mal acreditou quando ela avisou seis meses depois que queria fazer faculdade à noite. Para passar no vestibular, começou a estudar pra valer. Sua rotina era acordar às 5 da manhã, trabalhar como garçoneiro no ministério entre 7 e 13 horas, estudar e depois voltar para casa para cuidar dos filhos e das tarefas domésticas. Dois colegas do Ministério souberam do interesse de Vanessa e começaram a ajudá-la com aulas de matemática e redação na hora do almoço. Depois de muitas horas de estudo, Vanessa passou no vestibular para o curso de Sistemas de Informação da Faculdade Estácio de Sá.

No primeiro dia de faculdade, percebeu o novo desafio: dentre os 80 alunos, havia apenas 3 mulheres. A maioria dos colegas de Vanessa já trabalhava com tecnologia:

durante as apresentações iniciais, um se identificava como programador, outro como designer, analista... e Vanessa disse: “Sou Vanessa, trabalho como garçoneiro”. Ela não esqueceu o burburinho que causou, e dois comentários ficaram gravados na sua memória: “Meu bem, o que você tá fazendo aqui?”; “Você sabe que não vai aguentar nem um semestre, né?”. Curiosamente, o colega que disse essa última frase não chegou a se formar.

Para Vanessa, as disciplinas na faculdade eram difíceis, e por isso teve que correr atrás de algumas lacunas na formação. Quando ela perguntou a um professor sobre um cálculo que não tinha entendido, recebeu como resposta: “Qual é, menina, isso é conta de 6ª série!”. Isso a abalou, remeteu a todas as dificuldades para estudar na infância. Reagiu comprando um livro de matemática de 6ª série: “estava tentando entender cálculo integral sem conhecer direito equação básica”. Essa experiência a fortaleceu, mostrou sua capacidade para superar obstáculos.

Vanessa ganhava cerca de dois salários mínimos como garçoneiro e a mensalidade da faculdade custava R\$ 500 (quase a metade do salário). Gastava cerca de duas horas e meia por dia com deslocamento para chegar de manhã no Ministério, voltar à tarde para Taguatinga Areal, cuidar dos filhos e da casa e à noite ir para a faculdade. Depois de seis meses de faculdade, Vanessa ficou sabendo que justamente aquela área de sistemas do Cadastro Único que tanto a encantou estava procurando um estagiário e se candidatou para a vaga. Apesar de estar muito motivada, ficou abalada com o comentário de uma colega da copa: “você não vai conseguir, nenhum funcionário de copa nunca virou funcionário de sala”. Vanessa lembra que serviu água e café para os outros candidatos ao estágio. Na sua vez, foi ao banheiro, trocou o uniforme por uma roupa mais formal e fez a entrevista. O colega que a entrevistou, que trabalha com ela até hoje, notou que ela era a única candidata que tinha alguma experiência em criar tabelas de dados, sendo contratada com uma bolsa de R\$ 510.

Vanessa se sentiu sozinha nessa nova empreitada, pois não tinha com quem compartilhar seus anseios e inseguranças. Conta que o marido não foi criado para valorizar a mulher, não conseguia visualizar como esses esforços poderiam dar frutos. Em Taguatinga Areal, ouvia vizinhas perguntarem, curiosas: “pra que você vai trabalhar fora? Você já tem casa, seu marido tem carro”. Vanessa analisa que o ambiente em que cresceu estimula a dependência das mulheres, o objetivo de muitas é simplesmente ter um marido para sustentá-las. Diz que há até um ditado entre os homens na periferia: “se sua mulher sair pra estudar, ela vai te largar”.

Por um tempo, Vanessa tentou manter a rotina de garçoneiro de manhã, estágio à tarde e faculdade à noite, mas percebeu que seria insustentável e pediu demissão do seu emprego mais bem remunerado (garçoneiro), passando a ganhar menos da metade do que ganhava. Um professor da faculdade a incentivou nessa decisão: “é preciso dar um passo para trás para ir para frente”. Com a bolsa do estágio, conseguia pagar apenas a faculdade, tendo que contar com a ajuda do marido para todas as outras

necessidades. Gradativamente, Ronei convenceu-se da consistência do projeto de Vanessa, passando a apoiá-la cada vez mais.

Embora o estágio fosse apenas de meio período, Vanessa chegava às sete da manhã e passava ali o dia inteiro. Começou a receber novas atribuições, chegando a carregar dados do Cadastro Único, um sistema com cerca de 80 milhões de registro de pessoas de baixa renda. Um funcionário do Ministério que frequentemente a tratava mal quando era garçoneiro ficou assombrado quando a viu mexendo nos sistemas. Ao longo do estágio, teve noções de estatística, melhorou a redação de português, aprendeu os fundamentos para cruzamento de dados e automatização de *scripts*.

Após dois anos de estágio, Vanessa recebeu sua primeira promoção: uma vaga com carteira assinada. Seu salário aumentou quatro vezes em relação à bolsa de estágio, passou a ganhar R\$ 2 mil. Voltando para casa na maior felicidade, uma menina no ônibus virou para ela e disse: “Minha mãe me disse que te acha tão metidinha”. Vanessa apenas deu risada, não ia se abalar mais com essas coisas. Estava cada vez mais familiarizada com o universo de *Big Data*, batimentos, regras de negócio dos sistemas. Pouco depois, uma nova promoção fez seu salário dobrar: conseguiu um cargo de assessora, passou a receber R\$ 4 mil. Só então considerou que tinha condição de manter um carro, com todos os custos de seguro, gasolina, IPVA. Estava procurando um carro para comprar, quando Ronei surpreendeu-a com um carro de presente, em um expressivo gesto de apoio.

Ao mesmo tempo em que a valorizou, o ambiente de governo também alimentou invejas: não eram todos que viam com bons olhos a rápida ascensão de Vanessa. Para lidar com tantas novidades, tantos sentimentos ambivalentes, Vanessa procurou ajuda em um grupo terapêutico que realizava rodas de leituras e conversas para mulheres que sofreram algum tipo de violência. Havia muitas questões internas para equacionar: as memórias da infância que ainda estavam vivas nela, a dificuldade de comunicar em casa o que ela estava buscando, os preconceitos dos colegas na faculdade, o ambiente corporativo competitivo. Até hoje ela participa desse grupo terapêutico – e inclusive virou exemplo para outras mulheres.

Reverendo sua trajetória, ela se dá conta do que fez: “dois filhos pequenos nas costas, sair pra trabalhar, depois largar a copa, conseguir um diploma de tecnologia... foram alguns pulos no escuro para conquistar tudo isso”. Se no início Ronei queria proteger a esposa das decepções que ele estava certo que ela teria, hoje ele sente um grande orgulho de tudo o que Vanessa conquistou. Depois de alguns conflitos conjugais, Vanessa avalia que foi possível construir uma relação mais justa e madura: “melhorou muito quando ele se deu conta de que eu não estou com ele porque preciso, mas porque quero, porque gosto dele”. Hoje Vanessa tem liberdade para dizer francamente o que é aceitável para uma relação a dois: com a autonomia financeira, veio o respeito do marido por ela. Atualmente, o trabalho doméstico é dividido entre Vanessa, o marido e os dois filhos: todos percebem, de algum modo, que se ajudarem nas tarefas,

terão mais tempo para estarem juntos, sem que haja sobrecarga para ninguém. “Me sinto meio E.T. no bairro, sei que esse empoderamento não é fácil, sou muito feliz por viver isso no meu casamento, essa conquista foi minha”.

Vanessa considera que sem o apoio do marido, não teria sido possível fazer tudo o que fez, tanto no cuidado com os filhos quanto no suporte emocional e financeiro para os momentos mais difíceis. O ambiente profissional despertou o interesse, ensinou a profissão, desenvolveu suas capacidades. “Se faltasse um dos dois – o apoio familiar ou o ambiente profissional – não teria conseguido”, reflete.

Com cerca de 10 anos de trabalho – 1 como garçoneiro, 2 como estagiária e 7 como funcionária da equipe de sistemas – ela tem hoje uma função altamente especializada, sendo a única analista senior de *Business Intelligence (BI)* do Ministério. Leva 40 minutos para ir ao trabalho de carro. “Consgo dormir até às 7h, que luxo!”, comemora. Ao longo dos anos, Vanessa virou o orgulho de muitos: professores, marido, filhos, amigos, vizinhos, colegas.

Assim como Marcelo, Vanessa considera que sua trajetória rompeu um círculo vicioso de pobreza e dependência. Antes do estágio no Tribunal Superior do Trabalho, não entendia que com estudo poderia ter carro, um trabalho melhor. “Não dá para visualizar isso da periferia”, pondera. Antes do primeiro estágio, ainda menina, conta que já tinha visualizado que iria trabalhar com faxina quando fosse adulta, reproduzindo os passos da mãe.

Vanessa percebe que sua trajetória continua a ser exceção: acompanha algumas histórias da sua vizinhança, e vê com tristeza jovens mães solteiras que largaram a escola à procura de maridos para sustentá-las, em vez de trilhar seu próprio caminho. “Hoje até o livro da escola é de graça, não precisa mais escolher se vai voltar andando na ida ou na volta da escola – por que abandonar os estudos?”, questiona. Vanessa mantém contato também com antigas colegas da copa: três delas se formaram na faculdade e continuam trabalhando como garçoneiro. São pedagogas e administradoras que ainda não conseguiram sair da copa para trabalhar na área de formação. Segundo Vanessa, elas têm receio de começar um novo trabalho ganhando menos, não vislumbram oportunidades. Se Vanessa passou dois anos ganhando metade do salário de garçoneiro, depois começou a ganhar o dobro, na sequência o quádruplo, e atualmente ganha oito vezes o seu salário inicial. “As pessoas querem logo abraçar o grande, não dá, tem que começar pequeno”, ela avalia, a partir de sua experiência pessoal.

Por outro lado, Vanessa percebe uma falta de comprometimento com o trabalho: “Já ouvi muitas vezes o pessoal falando: ‘sou só apoio, não é minha atribuição’.. muita gente tem esse pensamento distorcido: ‘primeiro vou ter reconhecimento, daí vou trabalhar’. Por isso que esse pessoal não sai do lugar. Você merece porque está produzindo, fazendo o que precisa ser feito”, reflete.

E o que é mérito para Vanessa? “Trabalhar para merecer e depois receber. É dar o primeiro passo, tive coragem de dar vários saltos no escuro e seguir. Depois as coisas foram se encaixando. Arrisquei muito e consegui: deixei meus filhos em casa, fui aprender TI, rompi o modelo de mulher do ambiente em que vivia”.

Considera que as experiências de estágio foram fundamentais para ela ser quem é hoje. O primeiro, no Tribunal Superior do Trabalho, ensinou como ter postura profissional e mostrou que o mundo poderia valorizá-la bem mais que seus pais. O segundo estágio, já no Ministério, instigou o interesse de Vanessa: “uma coisa é aprender que existe banco de dados, outra coisa é carregar o banco, saber fazer. O estágio complementava o que aprendia na faculdade, eu tinha disciplina, o pessoal do trabalho me ensinava”. A faculdade, combinada ao estágio, alavancou seus conhecimentos. Hoje observa com preocupação estagiários pouco motivados: “o mundo não acredita mais em investir nas pessoas, elas pedem estagiário para tirar xerox, não para aprender de verdade. Muitos pensam: ‘qualificar para quê? Daqui a pouco ele vai arrumar algo melhor e vai embora...’”.

Atualmente, quando chega de carro e crachá em casa, parece ter sido fácil – já ouviu comentários maldosos no ministério e na vizinhança de que ela teve isso tudo “de mão beijada”, sem tanto esforço, então ela relembra o início de suas batalhas: “quem estava comigo lá, quando eu procurava uma brecha de luz às duas da manhã para fazer a lição de casa?”. Para ter tantas conquistas em pouco tempo, sua saúde foi abalada: 12 horas de trabalho, 4 horas de faculdade, 4 horas de sono, ganhou 30 kg em apenas um ano. Somente em 2018 conseguiu voltar ao equilíbrio: emagreceu 40 kg após uma cirurgia bariátrica.

Outra dificuldade de ordem pessoal refere-se aos ajustes familiares que precisaram ser feitos: após vários desgastes, ela considera que foi possível construir uma relação conjugal mais saudável. Para fazer tanta coisa em tão pouco tempo, Vanessa teve que sacrificar muitas horas de convívio com os filhos, que aguardavam a mãe acordados quando ela voltava da faculdade à meia-noite, pois sabiam que seria a única hora do dia que poderiam conviver com ela.

Uma terceira questão enfrentada por Vanessa foi o preconceito de gênero em ambientes de TI¹⁵, corroborada por estudo recente feito pela Yoctoo, consultoria de recrutamento especializada em profissionais de TI. Os resultados chamam a atenção: 83% das mulheres entrevistadas sofreram com a questão de gênero nas empresas e 42% declararam ter que provar o tempo todo que são competentes. Vanessa ainda teve um agravante: a maioria das mulheres na área de TI está em funções gerenciais, não desenvolvedoras, como ela: “tem muito homem que chega nas reuniões pra chamar a atenção: atropelam a fala dos outros com termos em inglês fora de contexto e

15 Matéria do jornal O Estado de São Paulo, de 11 de março de 2019. Link: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,pesquisa-revela-preconceito-contra-mulheres-no-mercado-de-tecnologia-da-informacao,70002751032>

recebem atenção imediata de todos. Já eu tenho que gastar o verbo, lutar para conseguir espaço para falar, convencer tecnicamente – é cansativo ser mulher na TI...”. Apesar de ter que lidar com ambientes preconceituosos – tanto na faculdade, quanto no trabalho – Vanessa contou também com apoio de alguns professores, chefes e colegas de trabalho, pessoas-chave em seu processo de formação: “as dificuldades me formaram, faço do limão limonada, é vida que segue”.

Presente em todos os relatos desse artigo, Vanessa também reporta o problema da distância: 25 km até o centro de Brasília, realidades tão distintas, tanto tempo gasto com deslocamentos. Apesar disso, nunca pensou em mudar de Taguatinga Areal: “conheço todo mundo lá, gosto da proximidade, de levar bolinho para a vizinha, dessa solidariedade”. Sabe que é difícil ter isso em bairros mais nobres.

Recentemente, encheu-se de orgulho em participar de uma reunião com autoridades de alto escalão discutindo dados que ela gerou: “vários homens de terno, eu era a única mulher. Então pensei: aonde foi que a garçonete chegou?!”. Gosta muito de transitar entre esses mundos: a Esplanada dos Ministérios e a periferia, acha que assim consegue ter uma visão mais completa do mundo. Vanessa atribui o êxito de sua trajetória a ter saído da zona de conforto: “senão estaria em casa até hoje. Foi uma constante adaptação, a quebra de barreiras é uma constante na minha vida. Tenho que aprender coisas novas o tempo todo, me reinventar”. Continua se aperfeiçoando, e atualmente está concluindo uma especialização à noite em *Business Intelligence*: “sair da zona de conforto é para o resto da vida”, conclui.

O relato que completa esse artigo trata da história do designer gráfico Victor, filho de Selma, que trabalha como copeira no Ministério.

5. VICTOR LIMA¹⁶

Aos 23 anos, Victor Lima é um dos designers gráficos mais talentosos do Ministério da Cidadania. Há dois anos, realizou um sonho: conhecer a Europa, visitar locais como o *Louvre*, na França, e o Museu Van Gogh, em Amsterdã. Nascido em Brazlândia, a 50 km do centro de Brasília, Victor é filho de Selma, que trabalha como copeira no Ministério.

Logo no início do relato, Victor destaca que sempre contou com o apoio de “três mães”: Selma (a mãe), D. Maria (a avó) e Sonia (a tia). Quando era pequeno, depois da escola passava as tardes na casa da avó, enquanto a mãe trabalhava. Almoçava, lanchava e convivía com a avó boa parte do dia. D. Maria cuidava do neto com afinco, só não podia ajudá-lo nas lições de casa, pois não sabia ler nem escrever. Já a “tia Sonia” é pedagoga, sempre esteve disponível para tirar dúvidas e para ajudar a concretizar os

16 Entrevista concedida em 22 de abril de 2019.

projetos de Victor. E Selma? “Minha mãe é quem eu posso contar para tudo na vida: pra reclamar, dar notícias boas, pra tudo”, explica.

Durante a sua infância, Victor lembra-se de mudar de casa pelo menos cinco vezes. Quando tinha cerca de 13 anos, a família conseguiu uma habitação própria. Para que Victor estudasse nos melhores colégios públicos de Brazlândia, D. Selma adotava o mesmo procedimento da mãe de Marcelo: passava madrugadas em filas para conseguir uma vaga para o filho.

Selma incentivou Victor a estudar no CIL – Centro Interescolar de Línguas, pertencente à rede pública de ensino do Distrito Federal. Por cinco anos, Victor estudou inglês no contraturno da escola. Em mais de uma ocasião, Victor quis parar de aprender inglês, mas a mãe não permitia, entendia que era importante para o futuro do filho. Até que um dia Victor chegou em casa com uma proposta: se fizesse estágio, ele podia parar de estudar inglês? D. Selma assentiu, e correu atrás para conseguir um estágio para o filho. Entregou o currículo de Victor no Ministério em que trabalhava como copeira, e Victor conseguiu uma vaga para estagiário de nível médio na SAGI. No início, o trabalho era fazer o controle da entrada de documentos e do estoque de publicações da SAGI. Tinha 16 anos, passou a ganhar cerca de R\$ 300 por mês. Mesmo sendo um valor baixo, a bolsa do estágio ajudou-o a vislumbrar como seria ter autonomia financeira.

De família religiosa – Adventista do 7º Dia – Victor cresceu com amigos da igreja. Sempre frequentava o culto de sábado, e começou a tomar gosto por cantar nas cerimônias. Conheceu a primeira namorada na igreja, se identificava com o ambiente. Fez parte do grupo dos Desbravadores, o equivalente aos escoteiros no âmbito dos adventistas. Após quatro anos, o namoro de Victor acabou. Em um primeiro momento, Victor se aproximou mais da igreja, mas percebeu que o que ele queria mesmo era ensaiar e cantar nos cultos, e não tanto rezar: “quando percebi isso, me senti hipócrita, pois não vivia de acordo com a mensagem que estava cantando”. Entrando em uma nova fase, Victor passou a sair mais com amigos que não pertenciam à igreja, frequentando festas, shows e festivais. Resolveu morar com a avó, a fim de ter mais independência. Os pais estranharam no início, mas concordaram, pois as casas eram próximas em Brazlândia. Até hoje, Victor mora com a avó, embora esteja fazendo planos para morar sozinho este ano.

Como estagiário, Victor mostrou iniciativa, e a equipe do Ministério começou a passar tarefas cada vez mais complexas para ele. Se no início cuidava apenas de controlar o estoque, empacotar e despachar as publicações pelos correios, no segundo momento Victor começou a checar informações, preencher dados em sistemas. Estava com 17 anos, no final do ano se formaria no Ensino Médio e terminaria o estágio.

Vendo como era interessado, a equipe do Departamento de Formação e Disseminação da SAGI contratou Victor com um emprego de carteira assinada em 2014. Ao longo do ano, Victor percebeu que estava ocioso, com tempo livre, pois não era per-

mitido divulgar informações nem despachar materiais pelos correios durante o período eleitoral. A chefe de Victor, coordenadora-geral de Publicações Técnicas, perguntou se ele não queria aprender Design Gráfico para ajudá-la na diagramação de publicações. Victor concordou e começou a diagramar alguns relatórios de pesquisa e sumários executivos. Aos poucos, a chefe de Victor instigou sua sensibilidade estética, emprestando livros sobre movimentos artísticos e estimulando discussões sobre o assunto: “naquela época percebi que Design não é apenas uma ferramenta, mas uma interação com a informação e com o mundo à sua volta”, relembra Victor.

O plano de Victor era fazer faculdade de História, mas aos poucos foi tomando gosto pela área de Design. Fez vestibular, entrou no IESB - Instituto de Educação Superior de Brasília, uma instituição privada. Para conseguir pagar os estudos, inscreveu-se no FIES - Fundo de Financiamento Estudantil¹⁷. Formado há dois anos, Victor terá que pagar 280 reais por mês pelos próximos quatro anos, e considera que o FIES foi importante para ele conseguir fazer a graduação que desejava.

Durante a faculdade, Victor aprofundou-se no conhecimento de Design, e o trabalho complementava os estudos. Como morava muito distante, gastava no mínimo três horas com deslocamento, entre caronas e ônibus. Trabalhava durante o dia, estudava à noite, voltava para casa por volta da meia-noite. Uma ocasião, Victor quase foi roubado descendo do ônibus, mas uma patrulha da polícia passou e evitou o assalto. Além do celular, Victor tinha que levar o computador para a faculdade, e andar de ônibus tão tarde da noite com equipamentos caros deixava-o inseguro. Para prevenir uma futura situação de violência, a família de Victor se mobilizou para que sempre houvesse alguém (pai, mãe, tia) aguardando-o no ponto de ônibus.

Mesmo chegando em casa à meia-noite, muitas vezes Victor saía para o trabalho às cinco e meia da manhã por receio de não chegar a tempo: “sempre me programei para chegar muito antes nos compromissos, e ficava estudando, fazendo trabalho no ministério bem cedo, antes de todo mundo chegar”. Victor lembra que foi uma época dura, que chegou a comprometer a sua saúde, desenvolvendo uma gastrite por stress.

Gradualmente, durante esses três anos uma grande transformação ocorreu: de carregar caixas de livros e despachá-los pelos correios, Victor passou a produzir as publicações do Ministério. Por exemplo, no âmbito da iniciativa do Mundo sem Pobreza (*World Without Poverty – WWP*)¹⁸, Victor foi responsável pela publicação de materiais em quatro idiomas. Depois de formado, conseguiu outra promoção. Atualmente, é

17 O Fies é um programa do Ministério da Educação que financia a graduação de estudantes, a fim de fomentar a democratização do ensino superior. A partir de 2015, os financiamentos concedidos com recursos do Fies passaram a ter taxa de juros de 6,5% ao ano. Durante o curso, o estudante paga, a cada três meses, cerca de 150 reais. Após a conclusão do curso, o estudante tem 18 meses de carência para recompor seu orçamento, pagando cerca de 150 reais a cada três meses. Encerrado o período de carência, o saldo devedor do estudante é parcelado em até 3 vezes o período financiado do curso (informações extraídas de: <http://sisfiesportal.mec.gov.br/index.php>).

18 Entre 2014 e 2017, o WWP difundiu conhecimento sobre políticas sociais implementadas pelo Brasil. O WWP produziu 80 publicações – traduzidas para quatro idiomas (inglês, francês, português e espanhol), com mais de 250 mil publicações baixadas em 184 países. Mais informações: <https://wwp.org.br>.

responsável por criar projetos gráficos, e não apenas diagramar – inclusive é Victor quem assina o projeto gráfico deste artigo.

Em 2017, passou algumas semanas na Europa. Conheceu a França, Holanda, Inglaterra e Portugal, ficou encantado com as culturas diferentes, a culinária e os museus europeus. Qual o seu artista preferido? “Michelangelo”, responde timidamente. Victor tem intenção de fazer uma nova graduação em história da arte, quer aprender mais sobre os movimentos artísticos. “Se me perguntassem em 2015 se eu me via indo para a Europa dali a dois anos, não imaginava de maneira alguma. Mas me organizando eu vi que era possível, fiz uns trabalhos *freelancers*, juntei o dinheiro que precisava”. Ninguém no núcleo familiar próximo de Victor saiu do Brasil, e Victor já planeja uma viagem pela América Latina para o próximo ano.

E o que o Victor entende que é mérito na sua trajetória? “Saber o que eu queria, correr atrás do que eu queria. O pessoal da minha idade é em geral meio perdido... eu fui muito centrado, corri atrás do que estava ao meu alcance fazer: ir para a Europa, fazer uma faculdade. Eu sempre fui a pessoa que chegava em casa sabendo o que eu queria fazer”, responde.

Repensando a sua trajetória, Victor reconhece como foi importante o papel da família, que o apoiou para conquistar o que desejava. Percebe que a religião ajudou-o a desenvolver uma disciplina, e o meio profissional direcionou seus interesses. Não reluta em mencionar a maior dificuldade que enfrentou e ainda enfrenta: a distância de 50 km a percorrer todo dia, comprometendo várias horas do seu dia.

No bairro em que mora, é comum ver meninas grávidas e rapazes com filho de colo, sem terminar de estudar, em trabalhos precários ou desempregados. Victor é admirado pelo que é hoje, em comparação com as condições que tinha há dez anos, sendo inspiração para muitos jovens de Brazlândia. Virou referência na família, suas avós se enchem de orgulho para falar dele: “meu neto, que se formou e foi até para a Europa”, servindo de exemplo também para a irmã mais nova, que acabou de ser aprovada na UnB.

Concluídos os relatos individuais, na próxima seção serão analisados os pontos de convergência entre as trajetórias e os fatores desencadeantes para a superação.

6. PONTOS DE CONVERGÊNCIA ENTRE AS TRAJETÓRIAS

Quatro histórias de vida, quatro caminhos de superação. Além da condição de pobreza, presente em todas as narrativas, não há como deixar de mencionar as dificuldades específicas que Marcelo e Vanessa passaram devido à raça e ao gênero, respectivamente. Ao longo dos relatos vozes ecoam e deixam marcas em cada vivência:

- “Você não vai conseguir, nenhum funcionário de copa nunca virou funcionário de sala”
- “Você precisa se esforçar mais porque a vida vai ser mais difícil pra você”
- “Meu bem, o que você tá fazendo aqui?”
- “Seu português é muito bom, não consigo identificar de que país você é”
- “Você sabe que não vai aguentar nem um semestre, né?”

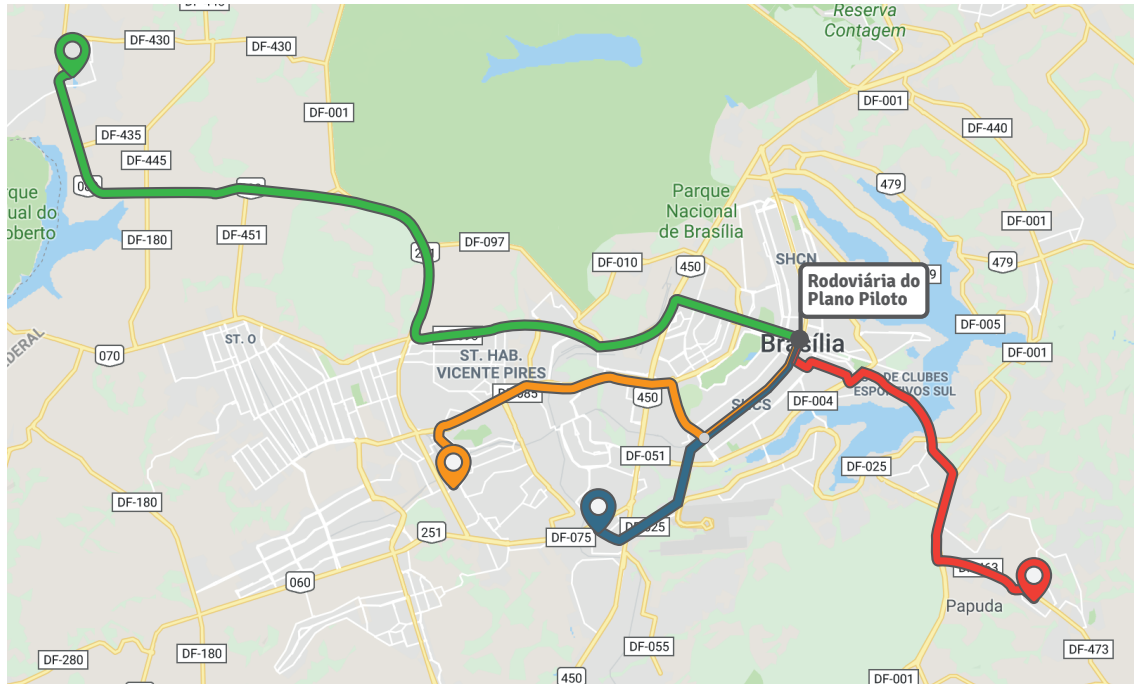
É sabido que o preconceito tem raízes profundas na sociedade brasileira: ser negro ou mulher são agravantes para as condições de vulnerabilidade. A pesquisa *Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar*, elaborada pela FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas a pedido do MEC¹⁹, evidenciou que o preconceito manifesta-se desde muito cedo nas escolas. Investigando o universo de alunos, mães/pais de alunos, professores/funcionários de escolas públicas, o estudo concluiu que gênero foi o tema que apresentou os maiores valores para o índice de concordância com atitudes discriminatórias: 38%, e a raça respondeu por 23% das discriminações. Segundo o relatório final de José Afonso Mazzon, coordenador da pesquisa, “*é possível concluir pelos resultados obtidos que os alunos das escolas públicas não apenas têm atitudes e comportamentos preconceituosos e discriminatórios, como sofrem os efeitos de comportamentos similares de outros atores do ambiente escolar, como diretores, professores, funcionários e do conselho escolar. A dicotomia entre atitudes e distância social sugere também que, de modo geral, as pessoas no ambiente escolar não assumem que são preconceituosas e que discriminam pessoas pertencentes a outros grupos sociais aos quais não pertencem. Este ambiente escolar, marcado pelo preconceito, especialmente entre os alunos, termina por resultar em práticas discriminatórias, como humilhações, agressões e acusações injustas que afetam não somente os próprios alunos, mas também funcionários e professores. A literatura e experiências mostram que a mudança desse ambiente discriminatório marcadamente dissimulado leva muitos e muitos anos, possivelmente até gerações.*”²⁰

¹⁹ Informação extraída do link: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/genero-e-o-maior-motivo-de-discriminacao-nas-escolas-brasileiras/>

²⁰ MAZZON, J. A.. 2009.

Um segundo aspecto que os relatos evidenciam são as dificuldades relacionadas à distância, as longas horas gastas com deslocamentos. O Mapa 1 ilustra o trajeto de cada um dos entrevistados para chegar ao centro de Brasília.

MAPA 1 – DISTÂNCIAS PERCORRIDAS DIARIAMENTE PELOS ENTREVISTADOS



Victor
 Brazlândia - DF
 49,9 km de distância
 em relação à Rodoviária
 do Plano Piloto

Vanessa
 Areal-Taguatinga - DF
 24,7 km de distância
 em relação à Rodoviária
 do Plano Piloto

Hector
 Núcleo Bandeirante - DF
 15,5 km de distância
 em relação à Rodoviária
 do Plano Piloto

Marcelo
 São Sebastião - DF
 22,1 km de distância
 em relação à Rodoviária
 do Plano Piloto

Como Marcelo já verbalizou, “a distância de 15 km é um abismo”. Um abismo para frequentar escolas melhores, para viver com menos violência ao redor, para ter mais tempo e silêncio para estudar em casa, para acessar mais oportunidades.

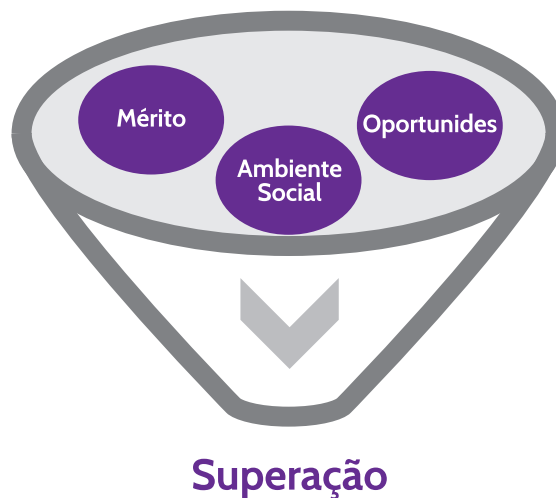
Associada à distância, Marcelo enfatiza que a precariedade das condições físicas da periferia – falta de saneamento básico, adensamento de gente, barulho, violência, habitações precárias, poeira – causam um desgaste constante: “o meu microambiente familiar contrastava muito com o macroambiente físico, minha família era exceção ali: os valores, o investimento de tempo e recursos destoavam muito do que eu via nas redondezas”.

6.1 MECANISMOS DE SUPERAÇÃO

Saindo do terreno das dificuldades abordadas (falta de renda, preconceito, infraestrutura precária, longas distâncias) e partindo para os mecanismos de superação, ao longo das narrativas a dicotomia mérito/oportunidades revela-se insuficiente para retratar a riqueza das experiências vividas por Marcelo, Hector, Vanessa e Victor. Um novo elemento surge, de diferentes formas, em todos os relatos: a importância do ambiente social para a construção de mecanismos de superação, o estímulo constante para criar o anseio por um futuro diferente. Vale destacar que o conceito de ambiente social desse trabalho não se refere a condições físicas, mas a relações humanas, quer seja dentro do contexto familiar, comunitário, educacional ou profissional.

Paes de Barros e Mendonça já se debruçaram sobre a importância do ambiente social no contexto educacional, em um estudo que identificou três determinantes para o fraco desempenho escolar no Brasil: ambiente familiar; ambiente comunitário; recursos educacionais disponíveis. Utilizando metodologias quantitativas – tais como regressões múltiplas – o estudo concluiu que o fator mais relevante é o ambiente comunitário: a escolaridade dos adultos que vivem próximos à criança (vizinhança, comunidade) tem impacto três vezes maior sobre o desempenho dos alunos do que a escolaridade dos professores. Mais especificamente, os autores atribuem à escolaridade das mulheres da comunidade mais da metade da melhoria no desempenho educacional, medido tanto pela frequência à escola quanto pela defasagem escolar (ano/idade)²¹.

Mesmo sendo um trabalho de natureza tão distinta – estritamente qualitativo, baseado em quatro casos reais – os relatos aqui apresentados vão ao encontro do estudo de Paes de Barros e Mendonça. Nesse sentido, a fim de enriquecer a análise das trajetórias narradas, será adicionado um terceiro elemento à dicotomia mérito/oportunidades: o ambiente social, no sentido de relações pessoais, conexões humanas que impulsionaram os entrevistados para trajetórias de superação.



21 PAES DE BARROS e MENDONÇA, 2000b.

No Quadro 1, foram sistematizados os ambientes sociais mais significativos em cada trajetória.

QUADRO 1 – AMBIENTES SOCIAIS QUE FOMENTARAM O CRESCIMENTO PESSOAL NOS QUATRO CASOS RELATADOS

MARCELO	HECTOR	VANESSA	VICTOR
<ul style="list-style-type: none"> • Familiar (mãe e irmãos) • Universitário (UnB) 	<ul style="list-style-type: none"> • Familiar (pai) • Profissional: estágio no Ministério (Departamento de Gestão da Informação) 	<ul style="list-style-type: none"> • Familiar (marido) • Profissional: estágios no Tribunal Superior do Trabalho e no Ministério (Departamento do Cadastro Único) 	<ul style="list-style-type: none"> • Familiar (“três mães”) • Profissional: estágio no Ministério (Departamento de Formação e Disseminação)

Todos os entrevistados fizeram questão de enfatizar que sem o apoio da família não teria sido possível fazer o que fizeram, evidenciando o papel crucial do ambiente familiar na construção de pontes para a superação²². Outro ponto importante é o protagonismo das mulheres da família – mães, irmãs, avós e tias – para apoiar as trajetórias de superação. Mesmo no caso de Hector, que mencionou durante o relato uma presença mais forte da figura paterna, em outra ocasião destacou o papel da mãe na alfabetização dele e na insistência para que ingressasse no estágio do Ministério.

Entretanto, um aspecto destoa na trajetória de Vanessa: ela foi o único caso sem estímulo do núcleo familiar original, tendo conquistado apoio apenas depois de casada – do núcleo familiar formado já na vida adulta. Ao conhecer as histórias de Marcelo, Hector e Victor, Vanessa se mostrou impressionada com as diferenças em relação à sua vivência na infância: “fiquei mexida, a gente acha que a nossa realidade é a de todo mundo”.

No caso de Marcelo, além do apoio constante que recebeu no contexto familiar, o ambiente universitário foi fundamental. A UnB abriu novas perspectivas para ele, como pontuou no relato: “o seu mundo abre, a universidade te leva para um novo universo”. Nas trajetórias de Victor, Hector e Vanessa, houve uma combinação de estímulos dos ambientes familiar e profissional – observa-se inclusive que os estágios estimularam o interesse em design e sistemas de TI, contribuindo para a decisão deles sobre: (a) fazer faculdade; (b) qual curso prestar vestibular.

²² No Quadro 1 constam os membros da família que apareceram com mais destaque nos relatos, mas vale a pena esclarecer que essa lista não é exaustiva: outros parentes não mencionados potencialmente tiveram papéis de estímulo à superação dos entrevistados.

No Quadro 2, é possível visualizar as principais oportunidades, isto é, as políticas, programas ou iniciativas (públicas ou privadas) que apoiaram a inclusão social dos entrevistados.

QUADRO 2 – OPORTUNIDADES NOS QUATRO CASOS RELATADOS

MARCELO	HECTOR	VANESSA	VICTOR
<ul style="list-style-type: none"> • PET – Programa de Educação Tutorial (UnB) • Associação de Alunos de Baixa Renda da UnB • Bolsa do Instituto Rio Branco • Bolsa de mestrado (Capes) 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de recursos para superdotados do GDF • Olimpíadas de Matemática e PIC – Programa de Iniciação Científica • Concurso de redação do Correio Braziliense • Enem • Estágio no Ministério 	<ul style="list-style-type: none"> • Estágio no Tribunal Superior do Trabalho • Estágio no Ministério 	<ul style="list-style-type: none"> • CIL – Centro Interescolar de Línguas • Fies - Fundo de Financiamento Estudantil • Estágio no Ministério

É interessante observar aqui uma questão temporal: as oportunidades de Marcelo e Vanessa ocorreram praticamente na vida adulta – Marcelo quando já tinha entrado na UnB, Vanessa apenas com estágios de nível médio. Victor e Hector começaram a participar de políticas e programas bem mais cedo, quando ainda eram crianças e adolescentes: Olimpíadas de Matemática, CIL, sala de recursos, Fies, Enem e os estágios. Isso pode ser explicado em parte pelo fortalecimento de políticas afirmativas no Brasil nos últimos anos, que se reflete nas diferenças etárias entre os entrevistados: Marcelo e Vanessa têm mais de 30 anos, enquanto Hector e Victor têm 21 e 23 anos, respectivamente. De acordo com Marcelo, outro fator que pode ter facilitado o acesso a oportunidades nos anos mais recentes foi a presença maciça da internet, que não havia quando ele era criança.

Ao longo dos relatos, os entrevistados responderam também o que eles entendiam por mérito no contexto da trajetória deles – uma síntese desses conceitos pode ser visualizada no Quadro 3.

QUADRO 3 – CONCEITO DE MÉRITO DOS ENTREVISTADOS

MARCELO	HECTOR	VANESSA	VICTOR
<i>“O que você faz com o que tem na sua frente – o mérito está nas escolhas, não nas circunstâncias dadas”</i>	<i>“O que consegui conquistar e que me abriu para as oportunidades que tive”</i>	<i>“Trabalhar para merecer e depois receber – dar o primeiro passo, tive coragem de dar vários saltos no escuro e seguir”</i>	<i>“Saber o que eu queria, correr atrás do que eu queria”</i>

Vanessa destaca dois pontos: os riscos que assumiu e as recompensas pelo trabalho executado. Marcelo enfatiza o papel das opções que fez no contexto em que vivia; Victor ressalta o fato de ser propositivo, ter foco e concretizar seus planos; Hector relaciona o mérito às suas conquistas individuais. Conhecendo posteriormente a histó-

ria de vida de Vanessa, Marcelo relaciona mérito também à criação de oportunidades para sair da zona de conforto.

Neste ponto, cabe retomar a discussão inicial: como falar de mérito em um país com uma disparidade tão grande de oportunidades? Faz sentido uma criança como o Marcelo, que gastava três horas por dia em um ônibus, ter que competir nos mesmos termos de alguém que mora ao lado da UnB? Uma menina como a Vanessa, que tem que estudar e fazer também todas as tarefas domésticas, está sendo incentivada a ter um bom desempenho escolar?

Como foi visto ao longo dos quatro casos, o ambiente social teve um papel fundamental. Segundo os entrevistados, sem um ambiente favorável não teria sido possível visualizar um mundo mais amplo, com oportunidades. Utilizando sua experiência pessoal, Marcelo chamou a atenção para a necessidade de criar um novo imaginário nas crianças, como a mãe dele fez durante toda a sua infância: “imaginar o que você pode ser, e ter tranquilidade para poder escolher o caminho”. Nesse sentido, o sonho de virar diplomata funcionou como um gatilho para projetar nele a superação.

Entretanto, a resposta à superação não se limita ao ambiente social. As oportunidades – seja de políticas públicas, seja de iniciativas privadas – tiveram importante papel na história dos entrevistados, e certamente podem ajudar a transformar mais realidades se continuarem a se fortalecer.

Nesse sentido, nenhum dos elementos do tripé isoladamente – oportunidades, mérito e ambiente – é condição suficiente para operar as transformações descritas pelos entrevistados. Em cada caso individual, uma combinação desses três fatores opera para criar as possibilidades de superação – situação que o jurista William Douglas descreve como *heroísmo*, e Marcelo como *exceção*.

Por isso, parece injusto responsabilizar somente o indivíduo por todo o seu êxito ou fracasso, sendo mais razoável atribuir a um conjunto de circunstâncias, de acordo com as características individuais, o ambiente social em que está inserido e as oportunidades que teve. Jogar toda a responsabilidade pelo sucesso nas costas do indivíduo apenas distancia essas histórias de superação do restante da população, sem que seja construído nenhum tipo de incentivo para difundir e dar condições para que esses casos aconteçam com mais frequência, para que cada vez mais Marcelos, Victors, Vanessas e Hectors tenham histórias exitosas para contar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As habilidades tecnológicas de Vanessa e Hector, a preocupação social de Marcelo e a sensibilidade artística de Victor – em cada vida, observa-se que eles não apenas superaram a condição em que nasceram, como retribuíram à sociedade as capacidades desenvolvidas.

A partir dessas trajetórias, foi possível identificar um novo elemento para agregar à dicotomia oportunidades/mérito: o papel do ambiente social, das relações humanas para propiciar condições favoráveis à superação. Nos casos relatados, o tripé oportunidades/mérito/ambiente social caminhou junto, ou seja, as transformações deveram-se mais à combinação desses três elementos do que a apenas um elemento isoladamente. É justamente Hector, o tetracampeão das Olimpíadas de Matemática, quem pondera sobre isso: “as pessoas querem buscar solução simplistas – oportunidades, mérito – mas precisam entender que têm sempre que criar um equilíbrio entre vários fatores”.

Vale a pena alertar para o risco da valorização excessiva do papel do mérito, deixando os casos de sucesso em um pedestal, como trajetórias heroicas para serem admiradas, sem evidenciar o fato de que a superação é difícil, mas possível, e é feita por pessoas de carne e osso. Se os casos de sucesso resultassem somente do mérito individual, Vanessa, Hector, Marcelo e Victor não teriam chegado aonde chegaram. Nos quatro relatos, as oportunidades e o ambiente social também foram essenciais para a superação.

As sugestões de Marcelo para que sua trajetória deixe de ser exceção – criar um novo imaginário nas crianças e desenvolver a cultura de estudar nos bairros mais pobres – são ideias promissoras para que meninos e meninas de baixa renda consigam se enxergar em novos papéis e lutem para mudar a própria história. Vivendo em Taguatinga Areal desde a infância, Vanessa percebe as dificuldades: “não dá para visualizar isso da periferia”. Hoje não dá, será que no futuro isso será possível?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, K. A. *The myth of meritocracy: who really gets what they deserve?* *The Guardian*. Outubro/2018.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social, Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. **Talentos escondidos: os beneficiários do Bolsa Família medalhistas das Olimpíadas de Matemática**. In: Caderno de Estudos no 30 – Desenvolvimento Social em Debate. 2018.

DOUGLAS, W. **As cotas para negros: por que aposto os meus olhos azuis**. *Jornal da USP – Edição especial: Inclusão Social na USP*. 2016.

GUIMARÃES, L. **Sem igualdade de oportunidade, não há meritocracia**. *Valor Econômico*. 2016.

MAZZON, J. A. **Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual - Produto 7: Relatório analítico final – MEC**. 2009.

Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. **Gênero é o maior motivo de discriminação nas escolas brasileiras**. Link: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/genero-e-o-maior-motivo-de-discriminacao-nas-escolas-brasileiras/>

O Estado de S. Paulo. **Pesquisa revela preconceito contra mulheres no mercado de Tecnologia da Informação**. Link: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/genero-e-o-maior-motivo-de-discriminacao-nas-escolas-brasileiras/>

PAES DE BARROS, R. e MENDONÇA, R. **Salário e educação no Brasil**. Série Estudos no 10, Projeto Nordeste - MEC. 2000a.

PAES DE BARROS, R. e MENDONÇA, R. **Uma análise dos determinantes do desempenho educacional no Brasil**. Série Estudos no 8, Projeto Nordeste - MEC. 2000b.

SIQUEIRA, I. **Universidade pública: mérito ou oportunidade?** *Jornal da USP – Edição especial: Inclusão Social na USP*. 2016.